

A PERCEPÇÃO DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE NA ASSISTÊNCIA A CRIANÇAS PORTADORAS DE TEA – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Melanie de Oliveira Santana Candido¹ Emilio Donizete Leite²

1. Estudante do curso de Enfermagem; e-mail: melanieoscandido@hotmail.com
2. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: emilioleite@umc.br

Área de conhecimento: Enfermagem na atenção a criança autista

Palavras-chave: enfermagem, criança, autismo, TEA, pediatria, assistência.

INTRODUÇÃO

Segundo Lei Federal nº 13.146/2015 artigo II, portadores de necessidades especiais são “Pessoas com deficiência que têm impedimentos de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interações com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas”. Durante muitos anos foram ignoradas pela sociedade e até abandonadas por parentes e hoje tem se tido uma participação muito ativa dessas pessoas na sociedade (BRASIL, 2015). Segundo dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) cerca de 7,53% (3.459.401) de crianças brasileiras entre 0 e 14 anos possuíam algum tipo de deficiência, e vendo a crescente inclusão dessas crianças na sociedade, os profissionais da área da saúde precisam estar atentos tanto quanto a observação de sinais de deficiência. O autismo, ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio neurológico caracterizado por prejuízos em duas esferas: comunicação social, quantitativa e qualitativa, e comportamento, que apresenta padrões repetitivos e restritos. Para que seja adequadamente caracterizado, o TEA exige uma análise individualizada criteriosa em cada criança e/ou pessoa (MORAL *et al*, 2017). Segundo dados do IBGE (2000) temos no Brasil entre 120 mil e 200 mil crianças entre 0 e 5 anos portadoras do TEA, uma pessoa a cada 100, sendo predominantemente no sexo masculino. O autismo é definido como um transtorno complexo do desenvolvimento, do ponto de vista comportamental, com diferentes etiologias que se manifesta em graus de gravidades variados (GADIA, 2006) caracterizado por prejuízos na comunicação verbal e interação social, com presença de comportamentos e atividades estereotipadas, podendo haver também desmodulação sensorial (grande sensibilidade a cheiros, sons, luzes, texturas e sabores), geralmente percebidas na primeira infância, a partir dos 2 anos de idade. Quanto ao atendimento, quando usamos o termo necessidades especiais quer dizer que aquela pessoa precisa de cuidados diferenciados, mas que nem por isso deixa de ter eficiência (MOREIRA; MOREIRA; DONOSO, 2008).

OBJETIVO

Identificar a percepção e o conhecimento da equipe multiprofissional em saúde quanto a métodos eficazes para atendimento/assistência a crianças portadoras de TEA com idades entre 02 e 12 anos.

METODOLOGIA

Se dará por um estudo de caráter exploratório realizado com graduados na área da saúde que atuam ou atuaram com crianças de 02 (dois) a 12 (doze) anos com TEA. Como parte da pesquisa, será aplicado um instrumento (questionário) (apêndice A) de coleta de

informações à profissionais graduados em saúde indistintamente de gênero e idade, porém o profissional deve ter no mínimo 1 ano de formação e 6 meses de atuação com o público descrito. O questionário será composto por 10 questões de múltipla escolha referente ao assunto TEA e também conterá questões sobre aspectos sociodemográficos para traçar o perfil dos pesquisados, sendo tabulados e apresentados em forma de gráficos Excel. Os profissionais participantes da pesquisa serão abordados pessoalmente ou por páginas de redes sociais sobre seu interesse em participar do estudo, após será enviado por e-mail o TCLE (apêndice B) e o questionário que deverá ser preenchido, assinado e devolvido pelo mesmo meio (E-mail) ou por abordagem inicial pessoalmente e após disponibilização de link para cessar o instrumento e o TCLE (Google Forms app por E-mail ou Whatsapp), sendo que para esse formato, a carta de liberação de campo da instituição será dispensada. Como benefício espera-se obter informações dos profissionais de saúde sobre sua percepção quanto a atuação e assistência à criança portadora de TEA podendo assim substanciar informações para novos estudos. Não haverá prejuízos aos participantes, pois os mesmos estarão fora de seu ambiente laboral (trabalho) evitando assim possíveis constrangimentos, ou seja, o questionário poderá ser respondido no momento e local que mais lhe for agradável. Há de se ressaltar que o pesquisador estará disponível para sanar possíveis dúvidas, mediante os contatos previamente fornecidos (E-mail, Whatsapp, telefone...), e que o participante poderá declinar a qualquer momento de sua participação. A Participação deverá ser voluntária não sendo oferecida nenhuma forma de bonificação ou custeio, conforme é descrito no TCLE (após aprovação do CEP). O público alvo será composto por no mínimo 60 graduados com ou sem especialização, mas que aceitem participar da pesquisa e tenha assinado o TCLE. Elucida-se que o instrumento de pesquisa somente será aplicado mediante a aprovação do CEP da Universidade de Mogi das Cruzes, sendo utilizado como complemento, pesquisas nas bases de dados da SciELO – Scientific Eletronic Library Online e LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, além da Biblioteca Central da Universidade de Mogi das Cruzes.

DISCUSSÃO

Foram entrevistados 56 profissionais da área da saúde que participam da equipe multidisciplinar, dos quais apenas 15 profissionais sabiam identificar e sanar as dúvidas dos pais com relação ao TEA, e 21 profissionais alegam não terem tido aula ou estágio sobre o assunto, o que acaba causando grande impacto sobre estudo e publicações sobre o autismo na sua área de atuação, o que gera uma dificuldade no atendimento a essa população, tendo em vista que é uma população mais sensível, que necessita de um atendimento mais especializado, mesmo que dentro de um pronto socorro ou internação. Os profissionais que sabiam identificar com clareza os sinais do TEA, são profissionais que obtêm uma especialização na área ou possuem familiares que tenha o diagnóstico, o que facilita para eles tratar de pessoas com essa deficiência, porém foi unanimidade o fato de todos os entrevistados concordarem que precisa de mais palestra e aulas sobre o assunto, tendo em vista que é muito falado na sociedade hoje em dia e muito se tem lutado pelos direitos dessa população. A pesar de todo o desfalque de conhecimento os profissionais tinham a respeito do autismo, muitos sabiam do que se tratava e o que o afetava, no caso o neurodesenvolvimento da criança, e concordaram que a equipe precisa saber como atuar com as crianças para que o atendimento possa ser feito de forma integral e humanizada.

CONCLUSÕES

Sabendo que a área da saúde é de suma importância em todas as etapas da vida, ainda mais na infância, onde se tem uma constante passagem por hospitais e consultórios, onde a criança tem um constante contato com esses profissionais, e levando em consideração o crescente número de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista – TEA –

é de suma importância que os profissionais saibam identificar os pequenos sinais e sintomas e posteriormente sanar algumas dúvidas que os pais ou responsáveis possam vir a ter, pois isso auxilia não somente a eles mas sim toda a equipe, sabendo que trabalham junto e posteriormente possa vir a auxiliar no tratamento da criança e entender talvez alguns problemas que a criança possa vir a apresentar, como repetição de palavras ou até mesmo a insensibilidade a dor. Outro aspecto importante observado é a falta de cursos ou aulas ministradas a respeito do assunto, o que leva a má interpretação da doença e posteriormente a dificuldade no atendimento que faz com que profissionais não queiram atuar com esse público, o que dificulta ainda mais o atendimento, o que nos mostra que os profissionais não estão preparados para tal atendimento e talvez não saibam nem como acolher essa criança, em contrapartida é unânime que se tenham mais palestras a respeito do assunto voltado para área da saúde, o que apesar de tudo demonstra que se tem interesse no assunto e que os problemas aqui apontados podem vir a serem solucionados, é uma questão de estudar formas que o assunto possa ser abordado dentro de sala de aula na graduação e posteriormente dentro dos hospitais e clínicas, para que se possa ser feito um atendimento digno e humanizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Estatuto da pessoa com deficiência, Brasília, 2015.**

FEDERAL, I. **Conhecendo o Transtorno do espectro autista.** Cartilha Institucional: João Pessoa, Paraíba, Brasil. 2017.

FERREIRA, A. J.; OLIVEIRA, L. M. **Cartilha do censo 2010 - pessoas com deficiência.** Brasília, Distrito Federal - Brasil, 2012.

GONZAGA, C. N.; OLIVEIRA, M. C. S.; ANDRÉ, L. B.; CARVALHO, A. C.; BOFI, T. C. **Deteccção e intervenção psicomotora em crianças com transtorno do espectro autista.** Colloq Vitae, 2015.

GADIA, C. **Aprendizagem e autismo: transtornos da aprendizagem: abordagem neuropsicológica e multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

MORAL, A.; SHIMABUKURO, E. H.; ZINK, A. G.; MOLINA, E. C. **Entendendo do autismo.** São Paulo, 2017.

MOREIRA, E. L.; MOREIRA, L. D.; DONOSO, M. T. A questão do portador de necessidades especiais: uma reflexão. **Revista Mineira de Enfermagem**, 461-464, 2008.

OLIVEIRA, A. C.; BASEGIO, I. A. **A psicomotricidade relacional como possibilidade de intervenção com uma criança que apresenta autismo: um estudo de caso.** Adapte sul: Curitiba-PR, 2016.

ONZI, F. Z.; GOMES, R. F.; Transtorno do Espectro Autista; A importância do diagnóstico e reabilitação. **Caderno pedagógico**, 188-199, 2015.

SOUSA, A. M. B. S.; SOUSA, C. S.; Produções científicas sobre os cuidados de enfermagem às crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Revista científica núcleo do conhecimento**, 2017.